

“Aviso de gatilho”: efeitos de corpo, testemunho e denúncia

Aline Fernandes de Azevedo Bocchi^a

Marília Giselda Rodrigues^b

Resumo

Este artigo se inscreve no campo da Análise de Discurso e intenta discutir efeitos de corpo, testemunho e denúncia no poema “aviso de gatilho”, de Mariana Rocha Arduini, no qual o sujeito simboliza, por meio da escrita, a experiência da violência sexual. Para tanto, as análises problematizam questões constitutivas de suas condições de produção, como pertencimento, silenciamento e interseccionalidade e versam sobre os rastros de memória que permitem significar o poema como uma escrita de resistência à divisão racial e sexual do trabalho de escritura. Assim, procura-se compreender modos de simbolização da experiência da violência sexual constitutivos do poema como gestos de resistência à produção ideológica de sentidos que hipersexualiza o corpo da mulher negra.

Palavras-chave: corpo; testemunho; violência; efeito poético; resistência.

Recebido em: 25/07/2019

Aceito em: 31/01/2020

^a Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca. E-mail: azevedo.aline@gmail.com.

^b Círculo de Estudos do Discurso - CED/UFU/CNPq. E-mail: mariliagiselda@uol.com.br.

Primeiras Palavras

Este artigo examina os efeitos de corpo e testemunho produzidos por uma escrita poético-política, com base na perspectiva de leitura da Análise de Discurso, no entremeio com a Teoria e Crítica Literária e as Teorias Feministas e *Queer*, contemplada pelos estudos interseccionais. É na especificidade desse lugar que consentimos o testemunho como efeito de rituais de simbolização da violência, prática de linguagem em que sujeitos inscrevem suas histórias na trama discursiva, produzindo efeitos que ressoam no poético e no político, pois perfazem uma dupla forma de reparação, subjetiva e político-histórica. Conceituá-lo discursivamente consiste, portanto, em considerá-lo em sua materialidade, ou seja, em sua constituição linguístico-histórica, aspecto que pressupõe não apenas os sujeitos - aqueles que, afetados pelos esquecimentos dos quais falou Michel Pêcheux (2009), relatam uma experiência traumática - mas a língua e a sociedade.

Intentamos, por meio de uma posição teórica situada nesse terreno fronteiro, produzir uma reflexão sobre a potência do poético na transmissão da experiência da violência, bem como discutir a emergência de um lugar de enunciação (ZOPPI-FONTANA, 2017) que ressoe a voz da mulher negra. Examinamos, para tanto, o funcionamento discursivo do poema “aviso de gatilho”, de autoria de Mariana Rocha Arduini, selecionado da compilação que Jéssica Balbino (2016) realiza em sua pesquisa de mestrado sobre as vozes femininas na literatura periférica. Tecido no deslizamento entre testemunho e denúncia, “aviso de gatilho” coloca questões acerca da produção de evidência para o corpo negro feminino, ideologicamente constituído como corpo *hipersexualizado*. Interessa-nos interrogar os modos com que o corpo é tecido enquanto efeito de um gesto de escritura, a forma com que ele é textualizado nessa escrita de resistência, interpretando-a como modo próprio de aparição do corpo que procura apreender o real (inapreensível) da violência. Em outras palavras, examinamos como o corpo é formulado em “aviso de gatilho”, compreendendo o poético na relação que se estabelece entre corpo e testemunho, por meio da análise das marcas inscritas em sua materialidade como cicatrizes de um real traumático.

Segundo Balbino (2016, p. 143), “aviso de gatilho” foi publicado no *Facebook*, na página pessoal da autora, no dia 25 de setembro de 2015, dia no Combate à Violência Contra a Mulher. Formulado como um poema de apenas uma estrofe, “aviso de gatilho” parece ter sido escrito de um fôlego só, com a força da palavra crua que transborda, inunda, num tom que recusa eufemismos em proveito da rispidez e da aspereza.

Nele, o tema da violência se apresenta por meio da construção do corpo violentado, que é simbolizado a partir da denúncia da animalização e sexualização do corpo feminino, e de como uma voz coletiva faz ecoar um grito de revolta, reivindicando um lugar social, político e simbólico para o corpo da mulher negra. Suas palavras narram uma experiência traumatizante para o sujeito, a violência sexual: “aviso de gatilho” permite vislumbrar, então, a potência de reinvenção subjetiva da escrita, pelo poético e pelo equívoco. Ele começa assim:

aviso de gatilho, nega

eu ainda nao tinha falado nada mas não cabe mais, chega
não faz muito tempo, fiz meu primeiro BO
pra um escroto aí que me agrediu
me enforcou contra a parede, depois me perseguiu
do tipo que dá aula de forró ensinando arapuca
pra prender as mina, roubar um beijo e ninguém nem viu
sutil?

[...] (ARDUINI apud BALBINO, 2016, p. 139)

Atribuímos à expressão “aviso de gatilho” a nomeação do poema, embora não haja vestígios de que ela ocupe tal função. Nosso gesto de interpretação se justifica pelo fato de a expressão funcionar como indicativo do assunto sobre o qual a composição versa, como alerta aos leitores, advertidos por meio dela acerca da violência narrada na postagem: “aviso de gatilho” é uma tradução da expressão *trigger warning*, que se tem popularizado em publicações *online*, particularmente em *posts* feministas que tratam da violência sexual.

Fundamentada em uma linguagem ética que sugere certa sensibilização para a dimensão moral dos discursos, tal expressão estabelece vestígios de processos de identificação com uma posição de insubmissão à violência inscrita no poema. “Aviso de gatilho” traz em suas formulações uma experiência singular do sujeito, mas, ao mesmo tempo, modelar

de um acontecimento coletivo, no qual as palavras fazem laço com o outro. Esse laço - textualizado, entre outras palavras, em "nega" - assinala um endereçamento ao estabelecer um vínculo com um corpo outro que é também um corpo negro feminino. O poema perfaz, então, movimentos de sentido que dizem do desejo de sutura pelas palavras, com as quais os sujeitos se enlaçam uns aos outros, compartilhando dores e estigmas.

A poesia periférica: corpo, voz, pertencimento e resistência

Consideramos "aviso de gatilho" um acontecimento (PÊCHEUX, 2002) que desloca um modo dominante de se fazer poesia, ao apropriar-se da palavra falada e transformá-la em rima, numa *escrita digital* que transborda as fronteiras dos suportes tradicionais; sua especificidade consiste em um modo próprio de formulação e circulação (ORLANDI, 2012, p. 9) que suplanta a produção literária dita canônica, posto que escrito para circular, segundo Balbino (2016), nas tramas das redes sociais, vinculado ao perfil da autora no *Facebook*. Seu caráter performativo está vinculado a esse modo próprio de circulação, que, entretanto, se articula à *performance*¹ do corpo constituída no seio da cena literária periférica das metrópoles e capitais brasileiras, nos saraus literários e competições de poesia (*poetry slams*) que, consoante Heloísa Buarque de Hollanda (2001), apontam uma recomposição no sistema literário, pela associação entre poesia, *performance* e mídia eletrônica. Para a autora, a prática da poesia falada tende a "abrir enormes possibilidades para a *redistribuição da fala do poeta* num espaço público mais amplo" (HOLLANDA, 2001, p. 15, grifo nosso). Assim, nesse cenário, as "minas" têm soltado a voz em saraus e *slams* pelo Brasil afora, subvertendo, munidas de palavras e rimas, relações de poder opressoras, deslocando posições habitadas à manutenção de um lugar historicamente reservado a uma elite intelectual predominantemente branca e masculina.

Entretanto, os vestígios dessa filiação à produção literária periférica mostram-se também na ordem da língua, pelo modo como o poema tematiza a violência contra o corpo da mulher negra, seja no léxico (em palavras como "um mano", "do rolê" etc.) seja na aparente "imprudência" para com as

¹ Neste trecho, utilizamos o conceito de *performance* em seu sentido mais usual, o qual refere atuação, desempenho do orador ao interpretar uma fala/poesia. Entretanto, é preciso esclarecer que, a partir de Judith Butler e Shoshana Felman, a *performance* adquire um sentido outro, relacionando-se ao *corpo falante* e à potência performativa da linguagem.

regras da morfologia, da gramática e da sintaxe, subvertidas repetidamente como uma forma de “jogar com a língua” (GADET; PÊCHEUX, 2010, p. 63) que demole o autoritarismo da norma elitista, corrompendo uma acepção de língua meramente normativa em proveito de uma língua ética e política.

Compreendemos, assim, a literatura periférica ou marginal em sua relação com um *locus* de enunciação periférico, referenciado a um lugar específico na/da cidade, as periferias, e aos sujeitos que nelas vivem (NASCIMENTO, 2009, p. 151-153). Isso não significa que esse modo de produção literária deva necessariamente *falar da periferia*, tematizá-la (o que configura um discurso *sobre* a periferia), mas, sobretudo, é seu papel deixar *falar a periferia*, dar voz aos sujeitos periféricos. A periferia, segundo Regina Dalcastagnè (2016, p. 296), é “o espaço dos excluídos, daqueles que dificilmente têm acesso às posições sociais mais privilegiadas”. Entretanto, essa relação com o território não é estritamente geográfica: entender a literatura dita marginal, na perspectiva da Análise de Discurso, consiste em assumi-la como prática discursiva referida a condições de produção (PÊCHEUX, 2010a) particulares, nas quais as posições-sujeito textualizam no discurso posições ideológicas subjacentes às demandas de grupos subalternos. Tematizam, portanto, a exclusão, a segregação, a privação, a discriminação e a violência, inclusive as violências racial e de gênero.

Nesses termos, a literatura periférica possui hierarquias e formas de consagração próprias, que diferem da literatura dominante (DALCASTAGNÈ, 2016), embora haja uma forma de organização particularmente assentada na representatividade do escritor na relação com o grupo subalterno no qual ele se inscreve e o qual ele representa. O pertencimento e a representatividade têm, assim, caráter estruturante do discurso literário periférico: “a ideia que sustenta o conceito de literatura marginal contemporânea é o imperativo político de falar de própria voz” (MINCHILLO, 2016, p. 141). Conforme Dalcastagnè (2002, p. 33), a literatura periférica é entendida principalmente como possibilidade de acesso à palavra por grupos sociais subalternos, ou seja, ela deve sua potência à inserção desses sujeitos no processo simbólico.

Escrita de resistência, a literatura periférica se ocupa do combate a comportamentos e ideias opressoras vigentes em nossa formação social. É o que observamos em “aviso de

gatilho": nesse poema, há uma escrita que enlaça testemunho, experiência e denúncia, visa a desconstruir o machismo e a misoginia que sustentam e naturalizam a violência sexual, e vitimizam mulheres negras de forma particular, pois funcionam articulados ao racismo. Ele delata "aquele broder feminista", que, embora aparente engajar-se nas causas feministas (ser "um mano do rolê", "poeta", "humano", "um machista em desconstrução"), permanece preso aos efeitos sociais do patriarcado, conforme verificamos no trecho do poema:

[...]
e daí vc tromba *um mano*,
do rolê, poeta, humano
sente segurança, relaxa na vigilância
até que enfim, porque andar com a faca na bota cansa
acontece que do macho assumido ao fita universitário
é tudo ordinário
só parece bonito porque com acesso à educação
a manipulação ganha casca de argumentação
mas mulher, não baixe a guarda pro *machista em desconstrução*
ele até vai bem no começo, é convincente
ele te surpreende, é eloquente
deixa claro que se ofende
quando é colocado em lugares aos quais não pertence
aquele broder feminista
aparentemente bem quisto
até quer te ver gozar!
mesmo com um passado triste, o coitado
ele conta: fui enganado e abandonado
passa um mês, dois
e mesmo sendo muito bem cuidado
o apaixonado virou amargurado
a amargura virou misoginia
tudo culpa da dita vadia [...]
(ARDUINI apud BALBINO, 2016, p. 139, grifo nosso)

A formulação "aquele broder feminista" presentifica, em "aviso de gatilho", uma posição crítica à violência de gênero, ao machismo velado que subjaz o comportamento e as ideias de alguns "broders". Nela, o pronome "aquele" enlaça a poeta e sua leitora, deixa transparecer algo que se compartilha: uma realidade de sexismo e violência. O demonstrativo funciona, então, junto ao processo de identificação (PÊCHEUX, 2009, p. 143), atando os sujeitos que imediatamente se reconhecem nessas formulações a partir do reconhecimento de um outro agressor, "aquele broder". Em tom acusatório, a voz narrativa

faz troça com a língua, radicaliza o absurdo da concordância gramatical por meio da torção de sentidos que o adjetivo “feminista”, em seu deslizamento para “feministo”, provoca. “Feministo” instala, assim, o absurdo linguístico, a metáfora a transferir sentidos, produzindo, consoante Gadet e Pêcheux (2010), o efeito poético como efeito do político constitutivo da língua. Reconhecemos, então, que “o discurso é o lugar em que uma língua movediça e escapante pode desdobrar-se sempre um pouco mais em direção ao infinito do descontrolo” (SOUSA, 2016, p.40), língua na qual o equívoco e a contradição materializam seu ponto de encontro com a história: o lugar da poesia tecida no negativo, no absurdo, na metáfora (GADET; PÊCHEUX, 2010).

Testemunho e memória: a escrita e o rastro da escravidão

No campo da Teoria e Crítica Literária, a noção de testemunho desenvolveu-se com base em duas filiações que afetam profundamente esta reflexão: a) a perspectiva de estudos pós *Shoah* e seu empreendimento centrado em um “dever de memória”, contra a “produção de esquecimento” (YERUSHALMI, 1988, p. 22), considerando, nesta tarefa, a impossibilidade do simbólico diante do real, impossibilidade especialmente visível diante da catástrofe histórica (SELIGMANN-SILVA, 2013); b) a literatura produzida na América Latina, na qual prevalece o conceito de *testimonio* e seu estreito vínculo com a prática política, que o compreende como lugar de luta pelas demandas de visibilidade social, não opressão e não violência de sujeitos socialmente vulneráveis, “uma forma de expressão intimamente ligada aos movimentos sociais” (PENNA, 2013, p. 300-301) e “marca a irrupção (midiática, comercial, política, acadêmica) de sujeitos de enunciação tradicionalmente silenciados e subjugados, diretamente ligados aos grupos que representam, falando e escrevendo por si próprios”.

Apesar de suas diferenças, essas abordagens nos ensinam que “dar testemunho aponta para um falar urgente, para o não esquecer e para um não deixar os outros esquecerem” (MARIANI, 2016, p. 51). Ou seja, ambas têm desdobramentos em relação ao registro da memória, que opera entre lembrança

e esquecimento, no tecer e destecer de sentidos, e exigem um compromisso ético de não esquecimento, de não silenciamento da opressão e da dor: "assim como devemos nos lembrar de esquecer, do mesmo modo devemos não nos esquecer de lembrar" (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 62 - grifo nosso). É nesse jogo contra o esquecimento histórico que "aviso de gatilho" funciona, produzindo um lugar de inscrição subjetiva para uma fala historicamente silenciada, reinscrevendo na história memórias feridas, precárias, de um passado de-significado (ORLANDI, 2002, p. 61-62), cujos dramas pessoais afetados pelo horror da escravidão e do racismo foram impedidos de significar historicamente e retornam no acontecimento do poema como fragmentos, traços e rastros da violência que cindiu o corpo negro.² O dever ético de (re)memorar materializa o desejo de não deixar esquecer a violência e a opressão experimentada por grupos socialmente vulneráveis, como o caso das mulheres negras.

Assim, se é preciso admitir que "aviso de gatilho" não se ajusta a um gênero literário dito "testemunhal",³ posto que, não se trata de um testemunho *stricto sensu*. É igualmente importante reconhecer que ele mantém traços que o aproximam da literatura de testemunho, particularmente da abordagem do *testemonio* visível na convergência entre política e literatura: "o contexto da contra-história, da denúncia e da busca pela justiça" (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 34), ou seja, "a ideia do *testemonio* como uma modalidade de contra-história", em que ele "representa a vida não de uma pessoa particular, mas sim de alguém exemplar (que vale *pars pro toto* pela comunidade)" (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 34).

Desse modo, a *verdade* e a *utilidade* fundamentais na concepção de *testemonio* funcionam também em "aviso de gatilho": sua potência performativa coloca em cena uma testemunha que, tendo sobrevivido à violência, constrói discursivamente uma verdade que não se pode calar. Há, em seu funcionamento, aspectos éticos e políticos que consistem em narrar o presente para lembrar do passado de horror e violência experienciado por tantas escravas estupradas por seus senhores e feitores. A partir de sua vivência singular e garantida pelo laço social, a testemunha delata os rastros de violência da escravidão, perfazendo no momento presente o

² A ambiguidade da expressão "corpo negro" é, aqui, muito valiosa, na medida em que ela permite referir, ao mesmo tempo e num mesmo gesto, a singularidade de cada corpo e, também, aquilo que, pela identificação, constitui o corpo negro como corpo social.

³ A aproximação que traçamos neste artigo entre o poema analisado e as Teorias Literárias não pretende abarcar uma discussão sobre o estatuto e a especificidade da Literatura. Não é nosso objetivo, pois, questionar a autenticidade de "aviso de gatilho" enquanto literatura segundo as concepções vigentes, mas trabalhar a potência poética de sua escrita, compreendendo o poético de acordo com Gadet e Pêcheux (2010, p. 51).

corpo e a vida de cada mulher negra violentada por seu “feitor”, como deixa entrever o trecho a seguir:

[...]
mas *eu não ando mais só* e aprendi uma nova:
com que nome vc insulta
o verme que me escuta
pedindo pra parar e continua?
que em outra trepada até pára, pede desculpa
mas no minuto seguinte, me faz refém da mesma luta?
que me fez chorar no chuveiro
achando que era minha a culpa?
pro feitor
que só se incomoda em perguntar se eu tô bem
quando eu me faço de cadáver, de dor?
estuprador!
o nome é estuprador! [...]
(ARDUINI apud BALBINO, 2016, p. 140, grifo nosso)

Nesse trecho, os nomes “feitor” e “estuprador”, encadeados de modo a dar consistência e cadência à rima, funcionam como anáforas: “feitor” é retomado e reescrito como “estuprador”, produzindo um efeito de sentido de identidade entre os nomes, considerando que o sentido “não está fixado *a priori* como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um” (ORLANDI, 2007, p. 27). A retomada observada no funcionamento discursivo da anáfora, nesse fragmento, faz ressoar no interdiscurso um pensamento produzido em outro lugar - numa história de escravidão - e sinaliza para a inscrição da testemunha em uma posição-sujeito garantida por uma formação discursiva antirracista e antiescravagista. A formação discursiva é compreendida, nessa reflexão, como “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2009, p. 152). A anáfora funciona, então, como discurso-transverso, sendo proveniente de sua linearização, ou seja, do funcionamento do intradiscurso em relação a si mesmo - “o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois” (PÊCHEUX, 2009, p. 153) - e tendo efeito explicativo (“feitores, aqueles que... estupram”), o que permite lê-la tanto por retomada quanto por paráfrase, sinonímia e metáfora, produzido no fio do discurso como discurso de um sujeito:

o *interdiscurso enquanto discurso transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita. (PÊCHEUX, 2009, p.154, grifos do autor)

Assim, o sujeito submetido à formação discursiva constitui uma verdade ao mesmo tempo em que assegura a veracidade do dito, no desconhecimento de sua determinação como sujeito do discurso. Sua tomada de posição é um efeito ignorado da determinação do interdiscurso como discurso transverso e sua “consciência” não é originária, como adverte Pêcheux (2009, p. 154), mas opacificada pelos esquecimentos dos quais tratou o autor, particularmente pelo esquecimento número um o sujeito não é exterior à formação discursiva que o determina. Por esse assujeitamento, ele bordeja o real pelo simbólico, no desejo de nomear seu agressor. A predicação dá a ver o desejo fazendo laço com a língua: “o nome é estuprador!”.

Movimentos de sentido entre o luto e a luta

Operando segundo a ideia benjaminiana de que a estetização da política deve ser substituída por uma politização da estética, o *testimonio* funciona a partir de um compromisso eminentemente político, no qual há uma “narración de urgencia”, ou seja, uma história que precisa ser narrada e requer do leitor, para que se cumpra, um vínculo com uma prática solidária (PENNA, 2013, p. 300). Assim, a tradição do *testimonio* na América Latina, com sua ênfase na denúncia e na visibilidade de vozes silenciadas e socialmente vulneráveis, permite examinar o poema “aviso de gatilho” na relação com um modelo hispano-americano de política identitária: essa tradição nos faz compreender que, ao referir uma situação de violência que é social e coletiva e não individual e isolada, “aviso de gatilho” assume um caráter de engajamento, de comprometimento com uma verdade de violência social, de raça e de gênero, produzindo sentidos de denúncia de uma realidade social. Nesta forma de interpretá-lo, ele consiste em uma estratégia de enfrentamento da violência capaz de desestabilizar dizeres (res)sentidos, desnaturalizando-a.

Considerando o *corpus* construído para esta análise, o gesto de escritura implicado em “aviso de gatilho” funciona, então, como forma de reparação pública das injustiças sofridas, um modo de exercer a luta política no enfrentamento da violência contra a mulher negra. Isso se produz no endereçamento que essa prática discursiva constitui: ele implica em sua fala/escrita um(a) leitor(a) que se reconhece na dor e na luta daquele que o enuncia, uma *escrita de luta*, embora também funcione como forma de extirpar os efeitos da agressão, como um tipo de *escrita de luto*. Vejamos alguns trechos nos quais esse movimento de sentido entre *luto* e *luta* se constrói:

[...]
foi a força *dela* que me fez falar
porque é o silêncio que obriga as mina a suportar
tem várias de nós sentindo a mesma dor agora, eu sei
no lugar daonde eu vim
e nos lugar por onde eu passei
não me ensinaram a cuidar direito de mim
não fui eu que errei
minha vó benzeu meu mal,
minha tia me banhou com sal
minha mãe defumou a casa com alecrim
e mesmo assim
eu não tive força pra tirar muito cara de cima
mas eu aprendi, *eu lambi minhas ferida*
e minha dor viro rima
eu tenho orgulho de todas as mulheres que eu fui!
[...] (ARDUINI apud BALBINO, 2016, p. 140)

Nesse trecho, o endereçamento e a dor compartilhada constituem formas nas quais uma *cura pelas palavras* se torna possível, no gesto de lamber as feridas, na dor que vira rima. Ele demonstra a “função libertadora e vital do testemunho” (FELMAN, 1992, p. 14), “trabalho do luto” (FREUD, 2011, p. 47) sobre o próprio corpo, reinventado na palavra e na poesia. Em face do trauma, a escritura é tramada para forjar a sutura da ferida subjetiva, pelo laço de solidariedade que tece com o outro, na rima que não se contenta com um propósito estético, mas se encarrega, sobretudo, de um desígnio ético.

Nele, verificamos a inscrição de uma multiplicidade de corpos femininos que, juntos, compartilham as dores da enunciadora, textualizada nas tantas mulheres que ela foi: a mãe, a tia, a avó. Mulheres que, sozinhas, permanecem

condenadas ao silêncio, mas que constituem, entretanto, na cadência do poema, um corpo negro feminino como corpo social, textualizado na comunhão de todos os corpos negros femininos encarnados nessa escrita. É a constituição desse corpo social que possibilita ao corpo negro abandonar uma posição de silenciamento e opressão, é ele que permite a esses sujeitos escrever, gritar, lutar.

Esses corpos femininos encarnados nos mostram que há uma duplicidade própria ao trabalho do luto: no pensamento freudiano, o luto consiste em um trabalho ambivalente sobre o objeto da perda, que se efetua por meio da incorporação da dor e da morte, constituindo um efeito emancipatório. Emancipatório tem, aqui, um duplo caráter, em face do luto e da reivindicação de não violência, da luta. O poema se sustenta, então, como uma exigência de reconhecimento social, de escuta para um dizer de dor e opressão. Ele nos mostra um ritual de linguagem capaz de deslocar a barbárie que recobre práticas sexuais abusivas e violentas pelo efeito de denúncia produzido.

Essa duplicidade inscrita em "aviso de gatilho" nos faz pensar que, embora não haja "memória justa, nem reconciliação total com o passado" (ROBIN, 2016, p. 37), é possível inscrever-se perante o trauma e ao horror da história, num processo de perlaboração que tenta significar uma memória impedida, recalcada, e os esquecimentos políticos que a acompanham. No entanto, como alerta Robin (2016, p. 37), esse trabalho de luto é difícil, pois desafia as conjunturas históricas que desviam, transferem e deslocam a memória social, fabricando uma verdade convincente convocada quase sempre em nome dos brancos e dos homens. "Há apenas encontros perdidos com a história", afirma a autora (ROBIN, 2016, p. 38). E continua: "A memória baliza, precisamente, a história desses encontros perdidos, a história dos fracassos do trabalho do luto, e inscreve novas configurações, rearranjos das narrativas que as sociedades contam ou se contam sobre seu passado" (ROBIN, 2016, p. 38).

"Aviso de gatilho" consiste, assim, em um gesto contra o "apagamento seletivo da memória histórica: 'quando se quer liquidar os povos', escreve Milan Kundera, 'se começa a lhes roubar a memória'" (PÊCHEUX, 2010b, p. 55). Entretanto, como nos ensinou Pêcheux (2009), "a ideologia é um ritual com falhas". Como escrita de luta, na força de seu acontecimento,

“aviso de gatilho” se abriga nas falhas do ritual ideológico, nas fendas abertas da história escravagista, desfilando suas tramas, desatando suas mechas, deixando à mostra suas feridas e sua perversidade. É precisamente nesse lugar de brecha que o poema inscreve efeitos de corpo e testemunho a produzirem uma forma de *reinvenção* da experiência da violência que dizem algo do impossível simbólico no confronto com a contingência histórica, por meio de recursos linguísticos, do trabalho de estilo tecido na trama narrativa.

A divisão racial e sexual do trabalho de escritura

Como mostramos nos tópicos anteriores, “aviso de gatilho” possui aspectos que o aproximam da perspectiva da literatura testemunhal, especialmente no que diz respeito aos seus trajetos de memória. Entretanto, o poema se afasta da acepção de *testimonio* na especificidade de seu funcionamento enunciativo. Segundo Camillo Penna (2013, p. 300), uma das características da teoria do *testimonio* é a presença do mediador, gestor responsável pela escritura testemunhal da experiência de sujeitos constituídos por uma cultura predominantemente oral, como é o caso de povos subjugados pela história colonialista nas Américas. Essa figura do mediador, geralmente ocupada por jornalistas ou antropólogos que escrevem por esses sujeitos, indica e reforça o complexo de dominação do estudioso das culturas latino-americanas, pois inscreve uma voz narrativa que fala em nome de indivíduos não letrados, numa tentativa vã de “transcrever” sua experiência e na qual subjaz uma concepção instrumental da língua. Nesse tipo de literatura, é preciso reconhecer que a mediação reduz e domestica o outro. Essa figura do porta-voz, em “aviso de gatilho”, constitui-se diferentemente, pois escreve a dor e o sofrimento de um grupo desde dentro. Ele implica uma compreensão de escritura sustentada não em uma suposta vocação instrumental, mas como inscrição de uma vivência traumática, que o afasta da ideia do “representante do subalterno”. Nosso percurso pelo feminismo negro permite complexificar, então, a discussão sobre a subalternidade, dando visibilidade para a especificidade da condição da mulher negra. Ele nos permite

discutir, parafraseando Pêcheux (2010b, p. 49), o funcionamento de uma *divisão racial e sexual do trabalho de escritura*.

Em “Ler o arquivo hoje”, Michel Pêcheux (2010b, p. 49) explicita que a questão da leitura se encontra clivada de maneiras diferentes e contraditórias: há uma divisão social do trabalho da leitura na qual operam uma restrição, uma política de privilégios da leitura interpretativa, reservada àqueles que estariam autorizados a fazê-la. A todos os outros, restaria, portanto, a repetição de interpretações já postas, ideologicamente constituídas por posições hegemônicas de poder. Essa política de privilégio, que opera também no que diz respeito às práticas de escritura, corrobora-se com o apagamento seletivo da memória histórica, que repetidamente tem tentado emudecer as posições enunciativas de mulheres negras, reservando a elas um lugar de invisibilidade social e silenciamento. Dessa forma, o poema “aviso de gatilho” tenta justamente deslocar essa política de privilégios, ao reivindicar lugares de enunciação (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 1) para as mulheres negras nos quais a ressonância de suas vozes seja possível. Ele se filia, portanto, nessa reivindicação, aos movimentos das feministas negras, que há muito tempo têm problematizado a questão do silenciamento e da interseccionalidade que perpassa a vivência da mulher negra.

Segundo Elsa Dorlin (2008, p. 81), foi o pensamento feminista conduzido pelo movimento de intelectuais africanas-americanas que se ocupou da articulação de três relações de poder distintas, porém interdependentes: o sexo, a raça e a classe. Trabalhando com a temática da violência doméstica, particularmente com o isolamento de mulheres afro-americanas agredidas pelos parceiros, Kimberlé Williams Crenshaw (apud DORLIN, 2018, p. 81) propôs o conceito de interseccionalidade, mostrando como essas relações interdependentes são estruturantes das relações de dominação e contribuem para lograr as tentativas de resistência de movimentos sociais: para ela. “A experiência cruzada do sexismo e do racismo é duplamente invisível, inteligível” (DORLIN, 2008, p. 81).

Definindo o sujeito político de acordo com a posição que ele ocupa na dinâmica de relações complexas de poder, o conceito de interseccionalidade contribui para a compreensão da identidade política das mulheres a partir da intersecção de suas posições, dependentes de formas específicas de

identificação, consoante Dorlin (2008, p. 82): “a identidade política das mulheres é rigorosamente contingente e precária”, resultante de processos de dominação históricos e híbridos. Disso resulta uma posição sensível à diferença entre o sexismo experimentado pela mulher negra e aquele vivenciado pela mulher branca, gerando experiências clivadas que impactaram na agenda dos movimentos feministas americanos e europeus.

O *black feminism*, desenvolvido no seio dos movimentos feministas, ocupou-se da crítica à tendência de se compreender a situação de dominação de todas as mulheres de acordo com a modalidade universal de seu assujeitamento, que tende a absolutizar e renaturalizar as relações de gênero. Inspirada no célebre discurso de Sojourner Truth, “Eu não sou uma mulher?”, proferido na Convenção dos Direitos das Mulheres de Akron, Ohio, em 1843, bell hooks (1990) traz à baila o tema da invisibilidade das mulheres negras como sujeitos do feminismo, recusando uma suposta estrutura universal que desconsidera fatores como raça e classe na apreensão das relações de desigualdade e opressão de gênero. Reivindicando um lugar para que as vozes de mulheres negras - suas histórias e narrativas historicamente silenciadas inclusive pelos/nos movimentos feministas - sejam ouvidas, o feminismo negro inscreve uma multiplicidade de experiências, projeta no campo da epistemologia feminista as vivências diaspóricas de mulheres negras.

Aniquilação e reinvenção do corpo em “aviso de gatilho”

Para bell hooks (1990), é preciso ler criticamente as experiências de opressão das mulheres negras, incorporando a ideia de que o pessoal é o ponto de partida para a politização. Isso implica o corpo como ponto de partida na luta política, em especial na luta contra a opressão e a violência racial e sexual. Há, em “aviso de gatilho”, um corpo construído por meio de palavras fortes, cortantes. Corpo negro que percorre um trajeto na cadência do poema, abandonando uma posição de silêncio e medo paralisante, posição que o formula como corpo amansado pela violência tal qual um animal domesticado, para ceder lugar, na trama narrativa, a um corpo constituído pela coragem e ousadia do grito que acusa o agressor.

Em "aviso de gatilho", a violência sexual é significada em seu entrelaçar com o corpo. Se no início da trama narrativa se observa um corpo domesticado e silenciado, efeito do recobrimento da violência pelo sentimento de culpabilização exposto pela testemunha, com o desenrolar da narratividade inscrita em suas formulações, esse corpo negro abandona um lugar de solidão e silêncio para assumir-se na potência de fala do corpo negro feminino como corpo coletivo, emblema de todas as mulheres negras. Vejamos como esses movimentos de sentido se desenrolam nos trechos do poema:

[...] acordar com o pau duro do meu primeiro namorado na boca
era bem menos
fora isso, ele era muito gentil
mas durou 7 anos e *toda vez o medo me paralizava*
quando eu conseguia, eu chorava
ele bufava, virava pro lado e dormia
no dia seguinte ele, que é sonâmbulo, mal sentia
mal lembrava, mas sabia
eu? *eu só dizia*
"tá tudo bem, gato"

[...]
eu não pedi, nem vi daonde veio
o surdão no pé da minha orelha
o zumbido no meu ouvido levou um tempo pra ceder
não, amiga, eu não devolvi com um coice, nem mandei se fuder
eu esperei ele acabar depois esperei amanhecer
fui embora sem gozar e *chorei sozinha pra esquecer*
convencida que eu mereci
porque eu não fiz nada, eu fiquei calada, eu consenti. [...]
(ARDUINI apud BALBINO, 2016, p. 140, grifos nossos)

No primeiro trecho, o choro reprimido e o sentimento de paralisia se condensam na negação do desrespeito e da violência: "tá tudo bem", a testemunha dizia. No exame do segundo trecho, é possível interrogar a questão dos limites do consentimento, por meio da violência que abruptamente irrompe no momento da relação sexual e é vivida pela testemunha por via do merecimento, da vergonha, da solidão e da culpa. Trata-se de um corpo destituído de dignidade, "cadáver de dor", como vimos num tópico anterior, cujo sofrimento da tortura e da agressão beiram a aniquilação física, dizem de um corpo que jaz permanentemente diante da morte.

De maneira diversa, os trechos a seguir deixam entrever gestos de resistência à posição ideológica que animaliza e sexualiza o corpo da mulher negra e o significa como corpo promíscuo: “aviso de gatilho” inscreve um gesto de revolta de um corpo que se rebela, grita, denuncia sua condição violentada, recusando com veemência a ideia de que o tom de pele “pode te fazer menos gente”. Aos modos de uma escrita-combate, ele reverbera a luta feminista negra, recusa permanecer no/em silêncio. É assim, pois, que compreendemos seu funcionamento discursivo, enquanto testemunho da barbárie (d)enunciada, prática discursiva que oferece outra versão para um dizer de violência, uma versão que não silencia, mas expõe, acusa, delata. Vejamos os recortes:

[...]
mas sabe o que anda fazendo essa bosta doer mais??
pensar que o *poder do black dela*
também ta por trás
dessa merda
que um certo quadril com um certo tom de pele preta
é do pecado, é quente
que a cor da suas teta e da sua buceta
pode te fazer menos gente
foi a força dela que me fez falar [...]
(ARDUINI apud BALBINO, 2016, p. 140, grifos nossos)

Reconhecemos que é a denúncia da sexualização do corpo da mulher negra que faz de “aviso de gatilho” um gesto de empoderamento, tecido por uma escrita de militância e luta contra o racismo e o machismo. Nele, há uma politização do corpo assentada no reconhecimento da diferença significativa constitutiva do tom de pele, cujo funcionamento sustentado na evidência da “beleza do corpo exótico” mascara a violência: “o corpo da mulher negra não é dela”, afirma Djamila Ribeiro (2015, s/p.), pesquisadora brasileira e militante do movimento feminista negro. Ele carrega a marca da erotização do exótico intrínseca à história colonial escravagista, a uma história que vitimiza a mulher negra de forma particular, por intermédio da objetificação sexual de seu corpo supostamente impudico, “do pecado”, “quente”, e que naturaliza o mito da voracidade e lascividade sexual da mulher negra. “Mulheres brancas também são objetificadas, isso é inegável. Porém, a mulher negra carrega a opressão histórica do racismo” (RIBEIRO, 2015, s/p.).

Para Angela Davis (2013), as mulheres escravas eram vulneráveis a todas as formas de coação sexual, como expressão do domínio econômico dos donos de escravos e controle do capataz sobre as mulheres negras como trabalhadoras. "Todas as narrativas escravas do século XIX contêm histórias de mulheres escravas vitimadas sexualmente" (DAVIS, 2013, p. 25). Entretanto, a literatura tradicional sobre a escravatura insiste em significar a exploração e a coação sexual como "miscigenação", recobrando o problema da violação. Sobre isso, ela diz:

Seria um erro olhar para o modelo institucionalizado da violação durante a escravatura como uma expressão do impulso sexual dos homens brancos, diferentemente reprimido pelo espectro da castidade da natureza feminina. Isso seria demasiado simplista como explicação. A violação era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo maior objetivo era extinguir a vontade das mulheres escravas em resistir, e nesse processo, desmoralizar os seus homens (DAVIS, 2013, p. 25).

Davis confirma que "o modelo da institucionalização do abuso sexual das mulheres negras tornou-se tão poderoso que foi capaz de sobreviver à abolição da escravatura" (DAVIS, 2013, p. 131). Para ela, a coação sexual era uma dimensão essencial da relação social entre os donos de escravos e os escravos, ou seja, a exploração sexual era uma expressão direta dos presumidos direitos de propriedade dos senhores sobre os corpos negros femininos. A ideologia racista pós-escravatura manteve, então, o abuso sexual como forma de coação, construindo paralelamente dois mitos que ainda hoje sustentam e amparam práticas de exploração sexistas e racistas, quais sejam: a promiscuidade da mulher negra e o homem negro violento e abusador. "A imagem ficcional do homem negro como violador foi sempre fortalecida com sua companheira inseparável: a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua" (DAVIS, 2013, p. 131). Davis esclarece que esses retratos ideológicos investem toda a raça com uma "bestialidade sexual", na qual as mulheres negras são significadas como "mulheres perdidas e prostitutas": "o choro das mulheres negras violadas tinha necessariamente falta de legitimidade" (DAVIS, 2013, p. 132).

A relação entre "feitor" e "estuprador", tecida no fio do discurso, ressoa também nesse corpo negro feminino

ideologicamente constituído, mostrando que o passado nos visita permanentemente, encarnado em um ritual de linguagem no qual o recordar coletivo faz frente ao esquecimento histórico e político.

Considerações finais

[...]
põe pra circular!
é pra fazer circular o nome e a cara do cara
pra quem vc tá pedindo pra parar
e o escroto não para
e eu dou minha cara pra bater se ficar um de fora
*porque quando ele não estupra seu corpo,
ele estupra sua memória*
[...]
(ARDUINI apud BALBINO, 2016, p. 142, grifos nossos)

Esse recordar coletivo é o que dá vida à “aviso de gatilho”, pela via da identificação ao corpo negro feminino, constituindo-o enquanto gesto de empoderamento, emaranhado de palavras tecidas pelo/no efeito poético a subverter a ordem da língua e desafiar seu domínio *normatizador*. A expurgação do sofrimento acontece no/pelo laço com o outro, tecido nas tramas da narrativa em um “nós” solidário, composto pelas tantas mulheres que compartilham a dor na palavra que se desdobra em rima. A denúncia, inscrita em suas formulações, é também promessa de superação dos limites do eu, limites que prendem, adormecem, aprisionam e, entretanto, são subvertidos no poema: “Eu tenho orgulho de todas as mulheres que fui!”.

Do corpo à memória, “aviso de gatilho” consiste em uma escrita que reivindica uma outra dimensão da linguagem e da verdade. Sua ressonância poética desnuda a aniquilação do corpo e da memória, mostra que a história da população negra permanece como resto permanentemente negado, sem arquivo lisível, na impossibilidade de ser decifrado. Daí apreendemos o lugar da poesia, conforme Pêcheux, no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história, em uma definição do poético na relação com o equívoco e com o político, pois o traço poético jamais pode contentar-se em ser o “domingo do pensamento” (PÊCHEUX, 2002, p. 53).

REFERÊNCIAS

BALBINO, J. *Pelas margens: vozes femininas na literatura periférica*. 2016. 160f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

DALCASTAGNÉ, R. "Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 33-75, 2002.

_____. Lucía Tennina, Mário Medeiros, Érika Peçanha e Ingrid Hapke - Polifonias marginais. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 48, p. 295-298, maio/ago, 2016.

DAVIS, A. *Mulher, raça e classe*. Tradução livre. Plataforma Gueto, 2013.

DORLIN, E. *Sexe, genre et sexualités*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

FELMAN, S. *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*. New York and London: Routledge, 1992.

FREUD, S. *Luto e melancolia*: Sigmund Freud. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

HOLLANDA, H. B. *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

HOOKS, b. *Yearnings: Race, Gender and Cultural Politics*. Boston: South end press, 1990.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Melo. Campinas: Editora RG, 2010.

MARIANI, B. S. C. "Testemunho: um acontecimento na estrutura". *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v.12, n°1, p. 48-63, jan./jul., 2016.

MINCHILLO, C. C. Poesia ao vivo: algumas implicações políticas e estéticas da cena literária nas quebradas de São Paulo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 49, p. 127-151, set./dez. 2016.

NASCIMENTO, É. P. *Vozes marginais na literatura*. São Paulo: Aeroplano; Fapesp, 2009.

ORLANDI, E. P. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2007.

_____. *Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: PÊCHEUX, M.; DAVALLON, J. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. *Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi; Lourenço Chacon Jurado Filho; Manoel Luiz Gonçalves Corrêa; Silvana Mabel Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. "Análise Automática do Discurso (AAD-69)". In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas: Unicamp, 2010a. p. 61-161.

_____. "Ler o arquivo hoje". In: ORLANDI, E. P. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010b. p. 49-60.

PENNA, J. C. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMAHN-SILVA, Márcio. (org.). *História, memória e literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2013. p. 297-350.

RIBEIRO, D. O corpo da mulher negra como pedaço de carne barata, *Blog do Sakamoto*, 2015. Disponível em: < <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/04/o-corpo-da-mulher-negra-como-pedaco-de-carne-barata/>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

ROBIN, R. *A memória saturada*. Trad. Cristiane Dias; Greciely Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

SELIGMAHN-SILVA, M. (org.). *História, memória e literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

SOUSA, L. M. A. "O dizer da gente, vazio, vazios". In: SOUSA et al. (orgs.) *A palavra de Saussure*. São Carlos: Pedro & João, 2016. p. 33-42.

YERUSHALMI, Y. H. Reflexões sobre o esquecimento. In: YERUSHALMI, Y. H. (et al). *Usos do esquecimento: conferências proferidas no colóquio de Royaumont*. Trad. Eduardo Alves Ribeiro, Renata Chrystina Bianchi de Barros. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

ZOPPI-FONTANA, M. G. "Lugar de fala": enunciação, subjetivação, resistência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13 WOMEN'S WORLDS CONGRESS (*Anais Eletrônicos*), Florianópolis, 2017.

Abstract

“Trigger warning”: body, testimony and denunciation effects

This article is part of the Discourse Analysis field and attempts to problematize and discuss the testimonial effect present in writing-empowerment, particularly focused on the ways in which poetic text symbolizes the experience of sexual violence. Therefore, issues such as belonging, silencing and intersectionality are problematized, based on "trigger warning" analysis, turning attention to traces of memory which can signify it as writing of resistance to the racial and sexual division of the work of writing. Thus, we try to understand the effects of body, testimony and denunciation produced in their way of symbolizing the experience of sexual violence, constituted as a gesture of resistance to the ideological production of meanings that hypersexualizes a black woman's body.

Keywords: *Body; Testimony; Violence; Poetic effect; Resistance.*